

Na volta a Santiago, as lembranças do exílio

Fotos Agência Estado

Casa em que FH viveu é mantida sem transformações

MARIA LIMA
Enviada especial

SANTIAGO — Numa casa cercada por pinheiros, um jardim coberto por parreiras e com uma macieira na entrada, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso viveu boa parte dos quatro anos em que esteve exilado no Chile. A casa pertence ao engenheiro Guillermo Fuentes, que já ficou famoso na Calle Las Nipas como o amigo do presidente do Brasil.

Com três dormitórios, uma biblioteca e uma sala aconchegante com lareira, a residência é hoje a mais simples da rua, situada no bairro sofisticado de Vitacura, onde existem mansões parecidas com as do bairro Jardim América, em São Paulo. É uma das únicas da rua que se mantém original, mas ainda é razoavelmente confortável.

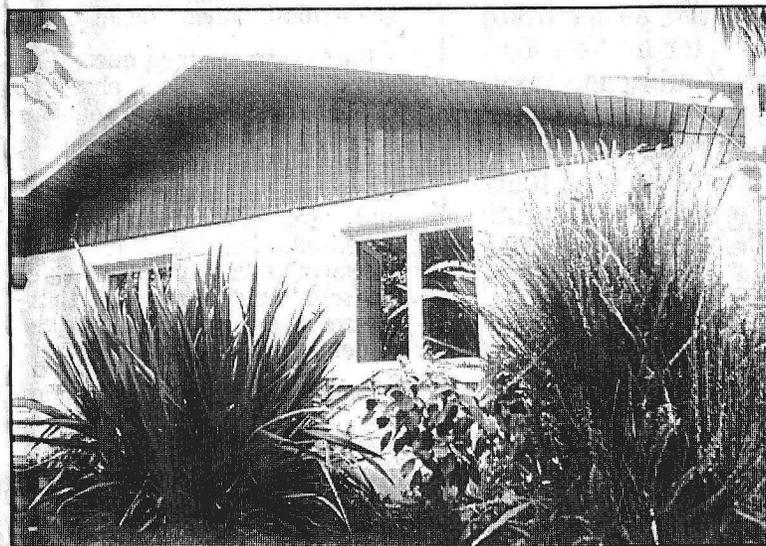
Ao lado da sala e de um pequeno saguão está a biblioteca, onde o sociólogo Fernando Henrique estudava e redigia suas teses sobre o desenvolvimento da América Latina.

— Era uma casa simples mas muito agradável. As crianças eram pequenas e gostavam muito daqueles espaços. Foi uma época boa e tranqüila, apesar dos problemas do exílio — lembra Fernando Henrique, que foi para o Chile sozinho em 1964 e depois levou a mulher e os filhos.

No bairro da Providência, fica outro ponto importante do roteiro de Fernando Henrique e outros exilados brasileiros em Santiago: o restaurante El Parron, especializado em assados. Até hoje o lugar é freqüentado por artistas e intelectuais. Juan Remo, um dos proprietários do restaurante, ain-



El Parron: freqüentado por intelectuais, o restaurante preferido de FH



A casa de Guillermo Fuentes: abrigo de FH durante os 4 anos de exílio

da se lembra do grupo de freqüentadores assíduos, mas sua maior lembrança é do ministro extraordinário dos Esportes, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, que também passou por ali há alguns anos.

— Temos aqui uma fotografia de Pelé. Não temos a do pre-

sidente porque naquela época ele era obscuro e anônimo. Mas me recordo de que era muito simpático, eu ainda era um simples empregado e me lembro de suas "propinas" — conta Juan Remo, referindo-se às gorjetas de Fernando Henrique, que segundo os amigos sempre foi pão-duro.

Paulo Renato, Serra e Weffort se emocionam

SANTIAGO — A visita de Fernando Henrique ao Chile tem dois objetivos principais: o resgate de uma dívida de gratidão com o país que o acolheu durante quatro anos de exílio e a comemoração da chegada dos integrantes de sua geração ao poder. Enquanto o antigo companheiro Eduardo Tagle Frey chega à presidência do Chile, retornam a Santiago como ministros, 30 anos depois, os ex-exilados José Serra, Paulo Renato Souza e Francisco Weffort, além do deputado Almino Affonso e do senador Artur da Távola (PSDB-RJ).

O grupo não escondia ontem a emoção ao passear novamente pela cidade onde viveram integrados à vida chilena dos anos 60. Weffort quis passear de carro e rever muitos dos pontos que marcaram sua passagem pelo bairro de Vitacura. Almino Affonso acompanhou, mas Távola preferiu um longo e solitário passeio a pé pelas praças que circundam o Palácio de La Moneda, a parte velha da cidade.

Em 1964, junto com Fernando Henrique, estiveram exilados no Chile cerca de 40 brasileiros. Uns se integraram ao chamado grupo dos "pré-históricos" e faziam parte dos punidos ainda pelo Ato Institucional número 1. Os "históricos" vieram mais tarde, em consequência de punição pelo AI-5.

Na viagem ao Chile, Fernando Henrique fez questão de reunir todos os integrantes do grupo de 64 que hoje ocupam posição de destaque na vida política do Brasil. Além dos chamados "ministros chilenos", convidou para sua comitiva Almino Affonso e Artur da Távola (M.L.).